A internet ainda não chegou plenamente a Cuba e o Google se antecipou a ela. Na sexta-feira, quatro altos executivos da empresa iniciaram uma viagem de dois dias a Havana, onde se reuniram com representantes do Governo, com estudantes de informática e com ciberativistas da dissidência.

Os meios oficiais cubanos, entretanto, não deram informações sobre a visita. Foi a blogueira cubana Yoani Sánchez que deu a notícia da chegada à ilha do presidente do Google, Eric Schmidt, juntamente com os diretores do Google Ideas – Jared Cohen, Brett Perlmutter e Dan Keyserling. O objetivo da visita foi "promover as virtudes de uma internet livre e aberta", assinalou.

“A visita levou meses de preparação e foi a primeira vez que uma representação do Google foi a Havana para falar de tecnologia e acesso à internet”, afirmou Sánchez em seu jornal digital 14ymedio.com. Segundo a blogueira, os empresários mantiveram encontros “com o setor oficial”, percorreram a Universidade de Ciências Informáticas e, na sexta-feira à noite, visitaram a sede do14ymedio.com. “Ontem à noite, o Google bateu à nossa porta. Não é uma metáfora, o buscador veio nos buscar. Aqui estavam vários representantes do mais popular dos buscadores, observando nossas vidas e nosso trabalho”, escreveu Sánchez.

“Jared Cohen, Brett Perlmutter e Dan Keyserling se animaram a subir até o 14º andar do edifício e trocar ideias conosco, uma redação jornalística carente de internet, mas com um forte compromisso com a realidade cubana de hoje”, continuava a nota. Eric Schmidt e Jared Cohen têm manifestado especial interesse em explorar as possibilidades de internet em sociedades nas quais a conectividade ainda está proibida pela censura. Em um artigo assinado por ambos no *The New York Times* em 11 de março, os executivos calculam que em uma década haverá no mundo 5 bilhões de pessoas conectadas à rede e estimam que o maior aumento do número de internautas ocorrerá em sociedades que estão atualmente severamente censuradas, “lugares nos quais clicar em um artigo desagradável pode levar toda uma família para a prisão, ou algo pior”.

É o caso de Cuba, onde não é permitido o livre acesso à internet. A taxa de conectividade da ilha, de 3%, é a mais baixa da América Latina. De uma população de 11,2 milhões, só 2,6 milhões têm a possibilidade real de navegar – a maioria, utilizando os centros de comunicações administrados pela empresa estatal de telecomunicações, a Etecsa, que oferecem um serviço limitado a preços exorbitantes. Uma hora de navegação internacional na internet custa 4,5 pesos cubanos conversíveis, que equivalem a 9,9 reais e a mais de uma semana de salário de um cidadão médio. As companhias estrangeiras e os hotéis também oferecem o serviço, mas é “lento, muito lento”, como descreveram os executivos do Google durante sua conversa com Yoani Sánchez em Havana.

Em seu artigo no *The New York Times*, Schmidt e Cohen fazem referência a suas viagens por outros países onde há repressão, como a Coreia do

Norte e a Ar
ábia Saudita
– nos quais, segundo eles, também se reuniram com dissidentes que fazem esforços para expressar-se através da rede. “Grande parte da luta contra a censura tem sido liderada pelos ativistas do movimento pela liberdade de acesso à internet. Podemos nos unir a essa comunidade de códigos abertos,

sem importar se somos responsáveis por políticas públicas, corporações ou indivíduos. O dinheiro, as habilidades de programação ou as subvenções do Governo podem fazer a diferença”, argumentaram Schmidt e Cohen.

A nota termina com esta mensagem: “Dadas as energias e as oportunidades que existem, é possível pôr fim à censura na internet repressiva dentro de uma década. Se queremos que a próxima geração de usuários seja livre, não vemos nenhuma outra opção”. Em busca da conectividade global, o Google pôs em andamento o Projeto Loon, que consiste no lançamento de 200 balões estratosféricos que possibilitarão a conexão em zonas remotas. Há duas semanas, o cantor e compositor cubano Silvio Rodríguez já se perguntava em uma entrevista o que ocorrerá em Cuba quando esses balões estiverem em órbita. “Vamos ver a quem as novas gerações vão agradecer pelo acesso à internet. (...) A nós? A nosso país? A seu Governo? Ou ao Google?”
EL PAIS; ESPANHA